

Furacão coreano: o universo de Chung

Bianca Tech

Caminhando confiante até o supermercado mais próximo -numa bela sexta- me alegrei com o céu azul, as árvores dançantes por conta do vento, o poder de ser mulher.

No "dia das mulheres", não conseguia refletir sobre flores banais, somente sobre a sabedoria, compaixão e poder que ronda a atmosfera mística de ser mulher, bruxa, senhora de seu próprio destino. Como bem temos sido, cada dia mais.

Ao me aproximar do estacionamento, encontro com uma figura simpática e sorridente, pequena e sem fragilidades expostas, símbolo de força e coragem: Chung.

Ela me cumprimenta, pergunta pela minha mãe, e -como sempre- é breve e atenciosa em suas perguntas e preocupações. Me deseja um ótimo dia, e claro, me convida a visitá-la quando possível em seu pequeno-grandioso restaurante. Especial como só ela é.

Chunguinha - apelido carinhoso pelo qual ela atende-, é uma coreana, de idade indefinida. Alguns falam 70, outros 50 e poucos, em minha opinião, ela tem idade suficiente pra te fazer respeitá-la, seja por sua comida ou por sua maneira. Há mais de 10 anos, ela mantém seu pequeno (ainda exagerando o tamanho), restaurante no bairro Bigorrilho. Seu cardápio é simples, baseado em alguns pratos de cozinha asiática. Seu sabor, e sua história? Complexos. Viver a experiência em seu restaurante, é refletir sobre independência, coragem, e sobre a rigorosidade da vigilância pelo país.

O que surpreende na Chung é - muito além do preço - a sua independência e dedicação. É uma mulher só. Cozinheira, chef, auxiliar, proprietária, garçonne, amiga. Ela te trata com carinho e pressa ao mesmo tempo, te atende de maneira objetiva, mas não deixa de perguntar como está, e de perguntar por seus amigos, caso você já tenha os trazido e agora vem comer solitário.

Esta mulher é capaz de atender velozmente, da sua maneira, a lotação máxima de seu pequeno restaurante que é de 15 comensais. Em cadeiras em parte rachadas e/ou tortas. Se você vai se sentir mal com algo? Só se não entender o que significa estar ali, sendo atendido por uma pequena mulher tão onipresente.

"Oi, oi Bia. Cadê a mãe? Ah, que bom que ela está boa. O que vai querer hoje, querida? Senta aqui, Chung prepara mesa pra você".

Sou terrível em ser crítica, quando me proponho a ser. Mas quando se trata de Chung. Quando se trata de suas gyozas fechadas na hora. Seu gigante yakisoba misto com ovo de gema mole por cima. Quando trata-se de seu "pão chinês" perfumado, seu harumaki roliço de tão recheado. Simplesmente, só de pensar em

pedir vários itens e recebê-los em um prato forrado com repolhos e/ou acelgas, cheio de mandiopãs de aperitivo, salsinha por tudo, até meu pâncreas sorri. Meu coração se alegra.

Chung é simples e direta, contou-me um dia que viveu cerca de 15 anos na capital de São Paulo, cozinhando no famoso bairro da Liberdade. Veio pra Curitiba e começou um humilde trabalho - naquilo que parece ser - uma garagem-restaurante. Se mantém firme, diariamente, atendendo seus clientes fiéis, cujos quais frequentam seu restaurante, praticamente todos os dias. Ela se alegra, e sempre agradece. É dali que vem seu sustento, é dali que vem sua companhia.

Certo dia, na despedida de uma querida amiga. Liguei, como sempre faço, para fazer uma reserva para 10 pessoas. Naquele dia foram 15, não havia mais espaço. Não cabia mais nenhum cliente. Todos inseguros e insatisfeitos após fazerem seu pedido, claramente julgaram a capacidade daquela pequena senhora, de nos servir adequadamente. Dados 15 minutos após nossa chegada, panelas batendo freneticamente, mesa atendida pela querida Chung. Refrescos na mesa, cerveja pra quem é de cerveja, refri pra quem é de refri. E nada.

De repente, burburinhos: "será que demora muito?", "ai, tô com fome". Chung nos surpreende com pratos decorados com folhas verdes de repolho, e todos os pães chineses, rolinhos e gyozas prontos, junto de mandioca frita, que foi uma cortesia. Ela separou em entrada e principal os nossos pedidos, e assim que comemos nossas entradas ela levou vasilhas gigantescas de yakissoba misto e vegetariano. Insistiu em nos servir, sua agilidade e raciocínio me deixaram orgulhosa, enquanto meus colegas e amigos estavam boquiabertos.

Chung é o exemplo de mulher guerreira, que concentra sua força, e como Maeve, deusa da responsabilidade (menção descarada do tarô da deusa aqui), cuida de tudo o que lhe diz respeito. Impõe limites de forma firme, porém carinhosa. Chung vai te expulsar de seu restaurante, de maneira tão gentil, que você vai agradecer por ela tê-lo feito. Juro. Se seus amigos o traírem, e vierem sem você uma segunda vez, ela os lembrará de ti e vai fazer com que eles se culpem por não terem te trazido. De uma maneira esquisita, ela vai mostrar uma humanidade absurda e uma delicadeza nas relações humanas que não é de qualquer mundo. É do mundo dela.

Esta mulher vai além do que sua solitude representa. Ela é retrato da sua própria independência. Ela é forte, ela resiste há tantos anos, que essas palavras mal eram populares entre qualquer um de nós. Se puder, corra até seu restaurante, mas ligue antes, os clientes diários comem todo o estoque fresco que ela produz.

E saiba que essa dica é rara, e não pode ser profanada, Chung é especial e não é compreendida por qualquer um. Só estando lá para compreender e sentir sua força. Eu amo uma coreana, e fico feliz em ser vizinha de uma mulher tão incrível. Bom, muito além de um 8 de março, reconhecer mulheres potentes diariamente.

